

OS ATLAS ESCOLARES EM PORTUGAL.  
A PROPÓSITO DO NOVO ATLAS GEOGRÁFICO

Muitas vezes não é fácil estabelecer com clareza a fronteira entre os atlas escolares e outros atlas destinados ao «grande público» adulto. Os conceitos são fluidos, recobrando realidades diversas, e frequentemente os atlas desdobram-se nos seus objectivos, com vista a abranger uma clientela tão vasta quanto possível: são as necessidades do mercado que muitas vezes o determinam, mas são também os interesses de quem compra, ao procurar uma obra duradoura para a sua biblioteca particular.

Desde os atlas geográficos escolares clássicos, mais ou menos dirigidos para jovens e com ligação ou não ao ensino ministrado nas escolas, aos atlas enciclopédicos, com predomínio de elementos não cartográficos, e aos atlas de iniciação, mais próximos dos livros de imagens, há uma grande variedade de tipos. Por isso, não é fácil definir os aspectos que os unem e que lhes dão uma personalidade própria, a não ser pela inclusão de mapas. Muitos dos modernos atlas escolares não estão realmente integrados no ensino, devendo antes ser apelidados de «para-escolares» (C. DUBUT, 1982, p. 45).

Em Portugal, tal como noutros países pequenos e com poucos recursos, é muito particular a situação editorial no que se refere a este tipo de publicações. Sendo reduzido o número de pessoas realmente interessadas na aquisição de um atlas geral, cria-se, no mercado, pouca apetência por este tipo de edições. Devido ao custo, são obras de preço apenas acessível se as tiragens forem elevadas; por sua vez, um grande número de exemplares não encontra saída imediata por parte do público, pouco habituado a utilizar os atlas.

Poder-se-á perguntar quais as razões por que certas obras, sobretudo as enciclopédias, conseguem ter um grande número de vendas em Portugal, independentemente da qualidade ou preço. Em muitos casos é determinante a campanha publicitária que envolve as vendas: a troca de facilidades de pagamento e da promessa de prémios, cada um poderá receber em casa as obras desejadas, assegurando-se a comodidade do comprador e a venda fácil do produto. Mas neste esquema apenas se conseguem integrar as grandes editoras, tendo as pequenas forçosamente que adaptar a natureza das publicações à sua própria dimensão.

Poder-se-á também perguntar as razões por que os portugueses parecem ter perdido o hábito de adquirir e consultar um atlas. Durante várias décadas, algumas gerações de estudantes possuíram, para o estudo da Geografia, o *Novo Atlas Escolar Português* de JOÃO SOARES, várias vezes reeditado (Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1925, 1.ª edição; 1965, 10.ª edição). A quase obrigatoriedade de o adquirir resultava do facto de ser único e, também, da natureza do ensino ministrado, em que se exigia ao aluno do liceu o conhecimento da localização de um sem número de lugares e de acidentes geográficos. A partir da década de 70, o ensino secundário sofreu em Portugal uma transformação radical: recusou-se a memorização e passou a dar-se prioridade aos temas

de carácter social; uma Geografia locativa foi substituída bruscamente por uma outra que privilegiou o estudo de «temas», tais como as cidades, a população e as actividades humanas, menosprezando o quadro físico onde estas se implantam e decorrem. Esta súbita ruptura com os modelos tradicionais fez perder, quase por completo, o hábito da utilização de mapas e de atlas, apesar da profusão de imagens que passam a ilustrar os modernos manuais escolares. Paralelamente, o ambiente extra-escolar português também não é propício, na maioria dos casos, a incutir tais hábitos nos mais jovens.

Esta situação paradoxal, no que respeita à ausência de interesse pela utilização de atlas nas escolas, reflecte-se negativamente na produção cartográfica. Pode afirmar-se que não existe hoje um atlas escolar português, o que é original no contexto dos outros países, inclusive nos de fraco desenvolvimento económico, que receberam quase todos, como forma de assistência prioritária, a elaboração de um atlas escolar, muitas vezes de boa qualidade de concepção e execução (vejam-se casos de Angola e de Moçambique). Em muitos países coexiste uma multiplicidade de ofertas entre vários atlas universais, para os adultos, e escolares, mais adaptados aos interesses e nível de conhecimentos dos jovens; coexistem também atlas endógenos, concebidos por pessoas ou instituições do respectivo país, e exógenos, produzidos por grandes editoras cartográficas mundiais e que contêm uma parte, mais ou menos substancial, comum a outros publicados em vários países.

### *TIPOS E CARACTERÍSTICAS DOS ATLAS ESCOLARES*

C. DUBUT (1982) propôs uma tipologia com base nas características analisadas em 150 atlas escolares, publicados em 42 países por mais de meia centena de editores. A maioria destes atlas são, no entanto, co-edições ou baseiam-se nos mesmos fundos cartográficos: o autor referiu terem sido encontradas, em países diferentes, 13 versões do mesmo atlas editado pela Collin (França) e, na Europa Ocidental, seis grandes editoras (Agostini, Hölzel, Esselte, Nordhoff, Philip e Westermann) difundem os mesmos atlas em numerosos países do mundo.

Dos cinco grupos de atlas considerados, um deles, muito numeroso, foi excluído pela sua má qualidade: a maioria dos atlas deste grupo são «produtos» de exportação ou de grande consumo, grupo no qual aparece integrado o *Atlas Universal Verbo* (Lisboa, Editorial Verbo, 1968, recentemente esgotado). Dos restantes, consideraram-se os atlas de iniciação (o «primeiro atlas» de uma criança), caracterizados pelo domínio de elementos não cartográficos, pela simplicidade de tratamento dos temas abordados e pelo fraco grau de abstracção das imagens. É o caso, entre muitos outros, do *Mon Atlas en Couleur* (Paris, Fernand Nathan, 1981) e do *Atlas Juniors* (Paris, Hachette, 1985), que será brevemente editado entre nós pela Bertrand, com adaptação de S. DAVEAU e M. H. DIAS. Os atlas mais clássicos constituem dois outros grupos, num predominando os mapas de localização (como o *Nouvel Atlas Bordas*, 1980) e no outro, os temáticos (*Oxford School Atlas*, 1978; *Diercke*

*Weltatlas* da Westermann, 1981). Finalmente, o último grupo é constituído pela geração mais recente dos atlas, intitulados por C. DUBUT de «concepção nova», apresentando aspectos inovadores e traduzindo uma reflexão aprofundada sobre o conteúdo e modos de expressão. Neste último grupo incluem-se os atlas produzidos pela Esselte Map Service (Suécia), nas suas várias versões.

Estabelecer uma tipologia dos atlas escolares e propor as soluções universais para a sua elaboração têm sido temas recentemente muito debatidos. Veja-se, por exemplo, a taxonomia genética de H. A. SANDFORD (1985 e 1987). A actualidade e o interesse suscitado por este tipo de realização cartográfica justificaram a publicação recente de um número especial da revista canadiana *Cartographica (Atlas for schools. Design principles and curriculum perspectives)*, 24 (1), Monograph 36 (1987), reunindo várias comunicações apresentadas a uma conferência internacional sobre o tema.

### O NOVO ATLAS GEOGRÁFICO

Este atlas <sup>(1)</sup>, recentemente publicado, inaugura um período novo no panorama editorial português, já que se trata de uma pequena obra, de grande qualidade cartográfica, que veio preencher uma lacuna sentida desde há muito tempo. Tal como o *Grande Atlas Mundial* das Selecções do Reader's Digest (Lisboa, 1978) — sendo este último um misto de atlas e enciclopédia, com um formato maior, caro e nem sempre com a qualidade desejável — é também um atlas mundial, que não cobre com pormenor o espaço nacional; os dois constituem, hoje, praticamente as únicas alternativas de escolha, no nosso mercado, de um atlas em português.

O *Novo Atlas Geográfico* comporta 9 partes, intituladas como se segue: «O Mundo: meio geográfico» (p. 4-5), «Europa» (p. 6-15), «África» (p. 16-19), «Ásia» (p. 20-25), «Austrália e Oceânia» (p. 26-29), «América do Norte» (p. 30-33), «América do Sul» (p. 34-37), «O Mundo» (p. 38-55) e «Regiões Polares» (p. 56). O atlas abre com uma lista estatística e, no final, o «Índice Geográfico» ocupa 8 páginas, contendo cerca de 4000 nomes. O fundamental da obra é constituído por mapas; as fotografias são escassas, assim como os esquemas e gráficos, estando completamente ausentes quaisquer textos explicativos.

Produzido pela Esselte Map Service, empresa sueca prestigiada, este atlas aproveitou a edição em português do segundo volume dos *Atlas de Angola e de Moçambique* (1983), embora com algumas diferenças na ordem dos temas e com pequenas modificações no número de mapas a respeito de algumas áreas do globo.

O que é pouco usual e aparece neste atlas mundial é o número de mapas temáticos relativamente aos gerais, de localização: 100 do primeiro

---

<sup>(1)</sup> *Novo Atlas Geográfico*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1986, 69 p., 24,5 × 33,5 × 1 cm, 2100\$00.

tipo, contra 12 do segundo, correspondendo a cerca de 65 % do espaço ocupado por mapas. Destaca-se ainda a notável uniformidade de tratamento dada ao conjunto da Terra, o que permite ao leitor fáceis estudos comparativos. Por exemplo, os símbolos das «produções» são dados em percentagem dos valores mundiais nos mapas das várias partes do Mundo. Cômuda é também a apresentação conjunta, na página, de uma série de mapas temáticos, na mesma escala.

Os mapas gerais são também muito sugestivos, recusando a velha fórmula de um fundo constituído pelas cores hipsométricas, para dar a imagem do relevo. Característico dos atlas produzidos pela Esselte, estes mapas de referência representam a grande variedade das paisagens terrestres: a um sombreado, que traduz o relevo de forma mais sugestiva, sobrepõem-se cores próximas das que se observam na natureza para exprimir a vegetação e os desertos, a que se juntam ainda, como complemento indispensável, outras informações (rios, estradas, áreas construídas, etc.).

Os mapas apresentados foram também publicados em muitos outros atlas da Esselte, que, com formato variável, têm sido difundidos noutros países e noutras línguas. Por exemplo, *L'Atlas Mondial*, editado pela Flammarion/Lepoint (1985, 295 p.), embora com uma dimensão maior e integrando ainda uma «Enciclopédia da Terra», apresenta as mesmas folhas do *Novo Atlas Geográfico* português. Também produzido pela mesma empresa cartográfica, o *Heinemann Atlas 1* (Londres, Heinemann Educational Books, 1986) faz parte de um conjunto de 3 atlas escolares do Reino Unido, sendo o *Atlas 1* destinado ao ensino primário terminal. Trata-se de um ótimo atlas escolar, onde transparecem os progressos recentes da Cartografia. Uma cuidadosa selecção de mapas, textos, fotografias e esquemas permite que os jovens se familiarizem com a localização dos lugares na Terra, desenvolvam a descrição do que observam e despertem para a procura de explicações, aguçando-lhes o espírito de curiosidade pelas questões do mundo onde vivem.

No caso português, pelo facto da escolha ser muito limitada, este pequeno atlas servirá tanto os «...alunos das Escolas Secundárias e Universidades, nas várias especializações que estas oferecem, como aos profissionais dos diversos ramos de actividade e, ainda, aos simples curiosos e pessoas de cultura...», como referem no prefácio SUZANNE DAVEAU e ORLANDO RIBEIRO.

Cômudo, de fácil manejo, sóbrio (se bem que demasiado clássico no tipo de temas abordados) e a preço acessível (se se atender ao custo de publicação), estas são algumas das outras qualidades do *Novo Atlas Geográfico* que nos levam vivamente a recomendá-lo, sobretudo a todos os que, neste país, ensinam ou aprendem.

## CONCLUSÃO

Os atlas escolares constituem um tipo de produção cartográfica relativamente recente, emergindo praticamente só nos finais do século XIX. Destaca-se a notável precocidade das *Cartas Elementares de Portugal para Uso das Escolas*, de B. BARROS GOMES (1878), destinadas ao ensino primário, e das quais O. RIBEIRO deu notícia, cem anos decorridos após a sua publicação, no número 26 da revista portuguesa *Finisterra*.

A evolução dos atlas escolares acompanhou de perto a da Geografia ensinada nas escolas (não terá antecipado, ou acentuado, o rumo desta?). A uma função principal de localização, que predominou durante um largo período de tempo, sucedeu-se gradualmente a diminuição da importância da informação topográfica, a favor da temática.

A situação privilegiada deste tipo de instrumentos no ensino foi também posta em causa, pelo preço crescente dos atlas e pelo impacte e influência dos meios audiovisuais, entre outras razões. Com as mudanças operadas no sistema de ensino, com o conteúdo dos programas escolares e a relativa liberdade no tratamento das matérias, os atlas tornaram-se cada vez mais independentes do ensino da Geografia e, talvez por isso mesmo, cada vez mais indispensáveis. Nos últimos anos, os atlas electrónicos, efémeros, construídos pelos alunos nas aulas a partir de bancos de dados, constituem uma proposta aliciante de um novo instrumento de trabalho, que a breve prazo irá provavelmente revolucionar o ensino e a concepção tradicional de atlas (N. M. WATERS e G. J. A. DE LEEUW, 1987; L. MARCOTTE e J. TESSIER, 1987).

A renovação do interesse pelos atlas escolares é um fenómeno que se faz sentir à escala mundial, envolvendo cartógrafos e educadores, e que Portugal deverá saber acompanhar. Não serão os atlas uma boa solução para compensar (e, quem sabe, ajudar a melhorar) os deficientes manuais escolares do nosso ensino secundário?

MARIA HELENA DIAS

## BIBLIOGRAFIA

- BERTRAND, R. J. M. J., 1967, «La base des cartes géographiques des atlas scolaires», *Int. Yearbook of Cartography*, VII, p. 100-108.
- 1982, «The changing face of school atlases», *ITC Journal*, 2, p. 151-153.
- CARSWELL, R. J. B.; DE LEEUW, G. J. A., 1987, «Curriculum relationships and children's atlases», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 135-145.
- CASTNER, H. W., 1987, «Education through mapping. A new role for the school atlas?», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 82-100.
- DIAS, M. H., 1984, «Um novo atlas de Portugal. O Atlas do Ambiente», *Finisterra*, 37, p. 88-92.
- 1986, «A necessidade de um atlas de Portugal», *Finisterra*, 41, p. 131-139.

- DUBUT, C., 1982, «L'analyse de 150 atlas scolaires contemporains. Essai de typologie et réflexion sur le concept d'atlas scolaires», *Bull. du Comité Français de Cartographie*, 94 (4), p. 33-46.
- FERRO, G., 1971, «Valeurs expressives et fonction formative de la cartographie dans les livres de texte et dans les atlas, selon la moderne didactique», *Int. Yearbook of Cartography*, XI, p. 189-193.
- FULLARD, H., 1965, «The problem of communication between editors and users of atlas», *Int. Yearbook of Cartography*, V, p. 187-193.
- GERBER, R., 1987, «A form-function analysis of school atlases», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 146-159.
- KLAWE, J. J., 1965, «The limits of editorial freedom in school atlases», *Int. Yearbook of Cartography*, V, p. 194-200.
- MARCOITTE, L.; TESSIER, J., 1987, «Applied research and instructional atlas design. The 'Ten Commandments' of l'inter Atlas», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 101-117.
- MULLER, J.-C., 1979, «Practical considerations in the production of the Junior Atlas of Alberta», *Cartographica*, Monograph 23, p. 53-78.
- ORMELING JR., F. J., 1980, «Atlas production as a contribution to cartographic education», *ITC Journal*, 1, p. 34-46.
- PETCHENIK, B. B., 1987, «Fundamental considerations about atlases for children», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 16-23.
- RANDHAWA, B. S., 1987, «Atlas for children. A legacy of perceptual and cognitive processes», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 47-60.
- RIBEIRO, O., 1978, «Cartas Elementares de Portugal, de BERNARDINO BARROS GOMES (1878)», *Finisterra*, XIII (26), p. 226-229.
- SANDFORD, H. A., 1985, «The future of the school pupils' desk atlas», *The Cartographic Journal*, 22 (1), p. 3-10.
- 1987, «The state of canadian children's atlases from a european perspective», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 1-15.
- SEBERT, L. M., 1979, «The importance of map libraries in atlas production», *Cartographica*, Monograph 23, p. 97-100.
- THAUER, W., 1978, «Cartographic problems and solutions as exemplified by the school atlas 'Unsere Welt'», *Int. Yearbook of Cartography*, XVIII, p. 88-94.
- WATERS, N. M.; DE LEEUW, G. J. A., 1987, «Computer atlases to complement printed atlases», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 118-133.
- WINN, W., 1987, «Communication, cognition and children's atlases», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 61-81.
- WONDERS, L. J., 1980, «The Junior Atlas of Alberta: introducing new mapping techniques to young students», *Canadian Geographer*, XXIV (3), p. 306-311.
- WOOD, D., 1987, «Pleasure in the idea. The atlas as a narrative form», *Cartographica*, 24 (1), Monograph 36, p. 24-45.